

ANEXO I

Texto integrante ao ST 3 – EXPERIÊNCIA RELIGIOSA COMO DIREITO HUMANO: LAICIDADE E FORMAÇÃO PARA O CONTEXTO DA PLURALIDADE

– Publicação em caráter excepcional –

INTOLERÂNCIA RELIGIOSA: UMA PERSPECTIVA À LUZ DO PENSAMENTO DE RENÉ GIRARD

BIANCA VICÊNCIO LEIS

Mestranda em Ciências da Religião
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
bianca.vccleis@hotmail.com

RESUMO: A comunicação em tela, propõe investigar o fenômeno religioso interligado com o mecanismo do bode expiatório descrito nas obras de René Girard. O pensador francês foi filósofo, historiador e filólogo, também se autodenominava antropólogo por sua vasta pesquisa no campo da antropologia da violência. Esta proposta de comunicação se concentra nos estudos acerca da religião como condutora do mecanismo do bode expiatório. Girard, em seus escritos, demonstra o ciclo do desejo mimético como precursor da violência social, concebendo a competição entre os indivíduos que instituem tal violência nas comunidades. Então, procurando evitar um conflito generalizado, os sujeitos selecionam, através de características determinadas como impuras para a vivência em conjunto, bodes expiatórios para compor o sacrifício. A função destes indivíduos é se submeterem ao sacrifício de rituais religiosos pré-determinados por mitos, tornando-os vítimas sacrificiais. Deste modo, após o suplício, a vítima exterminada obtém o culto da comunidade, pois libertou os indivíduos da violência contida no seio social, evitando a guerra de todos contra todos. No entanto, o ritual religioso que impõe o sacrifício não é admitido nas sociedades contemporâneas, porque segundo Girard, o ciclo do desejo mimético é interrompido após a crucificação de Jesus Cristo. Nesse sentido, o cristianismo se torna uma religião libertadora da violência. Todavia, nas sociedades atuais, é possível notar diversos tipos de violência, que por muitas vezes não se ligam à figura do sagrado, pois a coletividade estaria desprovida de um mito. Utilizando-se das teorias de Émile Durkheim, o antropólogo observa que a religião é a coesão social, sendo responsável pela ordem entre seus membros, mas que não cumpre sua função nas sociedades modernas. À vista disso, os sacrifícios admitidos na sociedade ocidental não são sagrados, mas mera

vingança. Porém, o Estado que compõe a modernidade é regido por diversos grupos religiosos que, no escopo da democracia, o consideram laico, havendo competitividade entre as religiões, do que resultam intolerâncias religiosas que geram violência, arriscando a ordem social. É com base no pensamento girardiano, que o objetivo desta comunicação é analisar como os diversos grupos religiosos trabalham para cumprir suas funções. Aderindo às obras de René Girard e ao método comparativo de caráter qualitativo, é que proponho investigar a desordem conflitante dos desejos miméticos religiosos que procedem a violências físicas, como o terrorismo, e políticas, desrespeitando a laicidade do Estado e originando o ódio justificado pela fé.

Palavras-chave: Religião; Desejo mimético; Violência; Democracia; René Girard.

René Girard, através de um escopo metodológico em que positivismo e estruturalismo se articulam, dedicou seus estudos em compreender as relações sociais e suas estruturas. O intelectual em suas obras, observa que a sociedade é composta por mecanismos que procuram abafar o desejo de violência nos homens, pois ao atribuírem relações entre si, os sujeitos adquirem inimigos e desenvolvem competições conflituosas, tanto que Girard (1990) afirma que a violência constitui a primeira instituição humana que permite justificar a sociedade, sendo o mecanismo do bode expiatório um purificador da violência. Para descrever seu pensamento, Girard utiliza de determinados conceitos, são eles: mito, rito, desejo mimético, bode expiatório, vítima sacrificial, sacrifício e crise sacrificial.

O pensador (2008), ao realizar a leitura de obras literárias como as de Shakespeare e Dostoiévski, constata que os personagens, no decorrer da narrativa, demonstram sentir os mesmos desejos, a inveja do próximo, o que leva à trama de seus conflitos. A partir de observações como estas, Girard (2008) afirma que os indivíduos imitam os desejos uns dos outros o que os leva a confrontos. Estes desejos, Girard (1990) intitula - obtendo contato com outros pensadores que já haviam notado este fato, como Aristóteles (2002) – de desejo mimético. Os desejos miméticos estabelecem relações triangulares: sujeito – sujeito modelo – objeto. Em um primeiro momento, como é possível notar, o objeto do outro é apenas admirado. Mas, estreitando os vínculos, o sujeito mediador passa a ser um rival: sujeito – sujeito obstáculo – objeto. Cita Girard (2008, p. 338):

O desejo é a própria crise mimética, a rivalidade aguda em relação ao outro, em todas as atividades ditas 'privadas', que vão do erotismo à ambição profissional ou intelectual; essa crise pode se estabilizar em patamares muito diversos de acordo com os indivíduos, mas ela sempre se encontra 'em falta' de catarse e de expulsão.

Então, é a partir dos desejos miméticos que os indivíduos produzem conflitos sociais, competindo pelo mesmo objeto de desejo. Para que a sociedade não gere um conflito exacerbado entre seus membros, há as normas e as regras que reprimem os

desejos humanos. Os desejos reprimidos se manifestam de duas diferentes maneiras notadas por Girard (1990): através das punições diretas e do sistema de vingança.

A punição direta acontece, geralmente, nas comunidades originais. Os membros da sociedade selecionam, por meio de características consideradas inapropriadas para a convivência social, bodes expiatórios. Os bodes expiatórios, nas comunidades originais, normalmente, são os indivíduos que possuem deficiências ou são gêmeos¹. Estes sujeitos determinados como bodes expiatórios se tornam vítimas sacrificiais em um ritual religioso, em que a vítima é sacrificada, libertando a comunidade de sua violência canalizada. Após o sacrifício da vítima, está é cultuada pelo povo, pois salvou todo um conjunto social de uma guerra de todos contra todos.

Já nas sociedades complexas não há punições diretas, o que resulta em um sistema vingativo. Girard (2011) explica, que após a crucificação de Jesus Cristo, a religião cristã libertaria os homens dos sistemas sacrificiais. Pois, o messias ao se submeter a crucificação, justifica sua atitude realçando que nenhum outro homem deveria novamente ser posto ao sacrifício, o ciclo do desejo mimético teria o seu fim com a sua crucificação, como afirma Girard (2011, p. 90): “Para se protegerem de sua própria violência, os homens conseguem canalizá-la para os inocentes. Cristo faz todo o contrário. Ele não oferece nenhuma resistência [...] para pôr fim a ele ao modo como a teoria mimética permite”.

Em vista disso, Girard, leitor de Émile Durkheim, nota que a sociedade é estruturada pelo fenômeno religioso, responsável pela ordem entre os sujeitos. O sociólogo, em sua obra “As formas elementares do pensamento religioso: o sistema totêmico na Austrália” (1996), investiga comunidades originais e descobre que a religião é aquela que detém para si o poder coletivo, obtendo facilidade para controlar a sociedade e instituir a ordem; constata então que a religião é fato social que por sua coercitividade garante as regras normativas e o seu cumprimento.

No entanto, nas sociedades complexas não há apenas uma religião que determina a ordem entre os sujeitos, mas diversas, que compõe o conjunto social em um todo, sendo instaurada na modernidade a laicidade. Diferentemente das comunidades originais, religião e Estado se encontram separados, tendo os indivíduos, através da laicidade, o direito de escolha religiosa. O problema é que surgem entre os fiéis das diversas religiões, grupos fanáticos, que atormentam a ordem social, gerando a intolerância religiosa, acreditando que apenas a sua religião está correta ou é melhor e superior que outras formas de pensar. Como define Gabatz (2019, p. 276): “Ser intolerante é exacerbar o preconceito. É violentar a liberdade de escolha de outro ser humano. Ser intolerante é não conseguir entender que a convicção de fé é subjetiva e deveria atender a uma prerrogativa pessoal.”

A intolerância religiosa é um dos modelos de violência adotados pelas sociedades complexas, pois como é possível observar, na modernidade não há a submissão de bodes expiatórios determinados por um certo mito a sacrifícios. Não

¹ Os gêmeos eram ditos como bodes expiatórios porque representavam ameaça devido a sua semelhança, uma vez que, a crise sacrificial se instaura quando os sujeitos, movidos por seus desejos, não mais reconheçam as diferenças entre os indivíduos, os considerando todos como rivais (GIRARD, 1990).

obstante, os indivíduos continuam a produzir desejos miméticos e a reprimi-los. A diferença é que, na contemporaneidade, o desejo reprimido se transforma em ressentimento que se expande socialmente através da vingança (GIRARD, 2008). É possível encontrar em diversas instituições e movimentos que resultam em opressão ao outro, a externalização desta violência por meio da vingança, e uma destas é a intolerância religiosa: “Há casos nos quais templos são invadidos e profanados. Em outros momentos, há agressões verbais, destruição de imagens, incêndios e até tentativas de homicídio” (GABATZ, 2019, p. 276).

As instituições religiosas que têm como função estabelecer a ordem na sociedade, perdem seu controle por causa dos conflitos que determinados fiéis desenvolvem com pessoas que compõe diferentes grupos religiosos. Desta forma, grupos extremistas arquitetam-se dentro das relações triangulares do desejo mimético, submetendo o nome da religião a que são adeptos. Ao não tolerarem outras formas de pensar religiosas, procuram por meio da força e da agressão converter aqueles que consideram como seus inimigos.

As religiões nas sociedades complexas, procuram aumentar seus números de fiéis, mas, na sua maioria, não se utilizam da prática violenta, discriminando aqueles que se autoproclamam religiosos, mas que recorrem a agressões contra fiéis de outras religiões.

Dentro das relações triangulares do desejo mimético é possível observar que o objeto das religiões em competições na contemporaneidade está na popularidade que elas adquirem, havendo disputas através de seus discursos pela fé, obtendo como sujeito mediador uma religião exemplo em sua popularidade.

Convivendo no sistema do capital, com os novos tempos houve o processo de secularização, que constituiu várias crises em instituições religiosas, precisando as mais tradicionais, se adequarem às novas transformações para não perderem espaço no que concerne a conquista de adeptos. A secularização pode ser descrita, segundo Jose Casanova (2006), em três conotações diferentes: I) “como o declínio de crenças e práticas religiosas nas sociedades modernas”; II) “como privatização da religião”; III) e “como diferenciação das esferas seculares (Estado, economia, ciência), geralmente entendida como ‘emancipação’ de instituições e normas religiosas” (tradução nossa)².

Então, notando a segunda conotação descrita por Jose Casanova sobre a secularização, as religiões como forma de se manterem dentro das competições por adeptos, como já foi dito acima, se submeteram às condições do mercado, não utilizando mais somente apenas de seus discursos para se promoverem, mas também das formas de venda da fé através de objetos e imagens considerados sagrados. Deste modo, Jose Casanova (2006) afirma que a religião foi privatizada, aproximando-se das especulações de Walter Benjamin (2013), como o capitalismo sendo a verdadeira religião dos novos tempos. Desta forma, as religiões transfiguram também suas competições miméticas para dentro do mercado, como afirma Alves (2010, p. 174): “A

² I) “as the decline of religious beliefs and practices in modern societies”; II) “as the privatization of religion”; III) “as the differentiation of the secular spheres (state, economy, science), usually understood as “emancipation” from religious institutions and norms” (CASANOVA, 2006, p. 1).

privatização da religião, ou seja, a perda de seu valor público/coletivo, levaria a uma situação de pluralismo, no qual rompe-se o monopólio religioso e instaura-se um regime de concorrência entre os diversos agentes religiosos”.

Como exemplo da crise que se instaura nas instituições religiosas com o movimento da secularização, a Igreja Católica, uma das religiões que mais obtém adeptos no mundo, precisou diversificar suas normas e abandonar tradições mais severas do passado. O primeiro impasse a ser revolido foi a ruptura da igreja com as normas que correspondem ao Concílio de Trento³, que acontece com o marco da Revolução Francesa. A Igreja Católica constitui o rompimento com as normas tradicionais a partir do Vaticano II, com o *aggiornamento*⁴ clamado por João XXIII. Foi ele que reconheceu que haveria a necessidade de a instituição aderir às novas formas da humanidade, deixando para trás o caráter doutrinário que era atribuído a Igreja Católica. O papa incrementa três objetivos principais: o primeiro é referente ao incremento da fé; o segundo, determina que a renovação dos costumes cristãos deve ser realizada de maneira saudável; e o terceiro, é a adaptação da disciplina eclesiástica para atender às necessidades do tempo. Destes três objetivos, o primordial seria a atualização da mensagem cristã para os novos tempos modernos (CONTEIRO, 2020).

Porém, mediante o avanço da modernidade e as diversas religiões que ocupam a sociedade, cada uma à sua maneira para estabelecer a ordem entre os indivíduos, observa-se ainda hoje reações dos intolerantes religiosos, não sendo as religiões capazes de controlar todos os sujeitos. Um exemplo de intolerância religiosa que se tornou histórico, foi o atentado aos Torres Gêmeas no dia 11 de setembro de 2001, por um grupo terrorista islâmico. O pensador Jean-Pierre Dupuy, realiza uma leitura com base na teoria de Girard sobre o atentado em seu artigo intitulado “Crer é não crer. As crenças religiosas, a violência e o sagrado” (2012). O atentado, segundo Dupuy (2012), não teve como intenção demonstrar o sacrifício dos terroristas ao atacarem as torres, mas sob uma leitura da teoria de Girard, em fazer dos indivíduos que estavam nos prédios naquele determinado momento, de bodes expiatórios a vítimas sacrificiais. As vítimas postas ao sacrifício de nada tinham culpa, e por este motivo deveriam ser sacrificadas, como utiliza Dupuy (2012) da afirmação de Girard (1990, p. 11): “É criminoso matar a vítima, pois ela é sagrada... Mas a vítima não seria sagrada se não fosse morta”.

Após a morte das vítimas, o lugar em que ocorreu o atentado se tornou histórico e por isto sagrado, e as vítimas como em um ritual sempre são lembradas, cultuadas, todos os anos em homenagens feitas a elas, como afirma Dupuy (2012, p. 34): “É um verdadeiro sacrifício, no sentido antropológico do termo. Se os terroristas, por seu crime ignóbil, tornaram o lugar do atentado sagrado é porque, como a etimologia nos indica, eles sacrificaram vítimas inocentes.”

³ O Concílio de Trento foi o décimo nono conselho ecumênico reconhecido pela Igreja Católica, que surgiu para opor-se ao protestantismo e teve como objetivo reafirmar os dogmas do catolicismo, mantendo a religião católica afastada da modernidade, como afirma Contiero (2020, 117).

⁴ Segundo Contiero (2020, p. 120), a palavra *aggiornamento* representa a atitude do catolicismo ao aderir as estruturas da modernidade, as exigências dos novos tempos.

Á visto disto, as ações de grupos fundamentalistas além de causarem a desordem por meio da violência física, também geram problemas a membros da mesma religião, mas que não participam e concordam com as ações dos grupos terroristas, por meio do preconceito que outros indivíduos generalizam e culpam independente de sua moral, indivíduos adeptos. Como exemplo de vítimas dos preconceitos, há os imigrantes na Europa e também os descendentes de religiões africanas no Brasil que são vítimas de agressões por racismo e tantos outros exemplos de intolerância que ocorrem no mundo. Por fim é possível admitir, sob a leitura de Girard, que a intolerância religiosa como manifestação de vingança desenvolve apenas mais desconcertos, que as religiões procuram manter a qualquer custo.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Poiética**. Imprensa Nacional Casa da Moeda, Lisboa, 2002.
- ALVES, Edvaldo Carvalho. **Revisitando o conceito de secularização**. Paraíba: Revista de Ciências Sociais – Política e Trabalho, n. 33, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **O capitalismo como religião**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- CASANOVA, Jose. **Rethinking Secularization: a global comparative perspective**. The hedgehog review: spring & summer, 2006.
- CONTIERO, Tiago Tadeu. **A modernidade na Igreja: a abertura pós-Conciliar e a Teologia da Libertação**. Santa Rosa: IEHSOLP Ediciones, 2020.
- DUPUY, Jean-Pierre. **Crer é não crer. As crenças religiosas, a violência e o sagrado**. São Leopoldo (RS): Revista do Instituto Humanitas Unisinos, n. 393, 2012.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- GABATZ, Celso. Democracia, laicidade e intolerância religiosa como desafio aos direitos humanos na contemporaneidade brasileira. **Revista Cadernos de Direito Actual**, nº12, 2019.
- GIRARD, René. **A violência e o sagrado**. Tradução de Martha Conceição Gambini. São Paulo: Ed. UNESP, 1990.
- GIRARD, René. **Aquele por quem o escândalo vem**. Tradução de Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011.
- GIRARD, René. **Coisas ocultas desde a fundação do mundo: a revelação destruidora do mecanismo vitimário**. Tradução por Martha Gambini. São Paulo: Paz e Terra, 2008.